

## **Cinemas de rua nas ondas do rádio: reportagem sobre a decadência dos cinemas na região Noroeste do Rio Grande do Sul<sup>1</sup>**

Mateus QUEVEDO<sup>2</sup>

Eduarda WILHEIM POSSENTI<sup>3</sup>

Lara NASI<sup>4</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen, RS

**RESUMO:** Este paper apresenta o percurso de produção de uma reportagem radiofônica sobre a decadência e atual retomada de investimentos em cinemas na região Noroeste do Rio Grande do Sul. Fontes relacionadas à história do cinema, empreendedores e especialistas foram ouvidos, e pesquisa documental foi realizada. Na edição, utilizaram-se elementos que remetem às características sonoras do cinema. O trabalho permite levantar discussão com a comunidade local sobre a oferta audiovisual, cinematográfica e, em última instância, cultural, na região.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema; rádio; jornalismo; reportagem.

### **1 INTRODUÇÃO**

Cinema e rádio. Cinema no rádio. Falar sobre as duas mídias retoma a ligação entre o ver e o escutar. A transversalidade está no fato de os dois se constituírem como formas de expressão e comunicação. Marshall McLuhan, em *Os meios de Comunicação em massa como extensão dos homens* (1964), descreve ambos, tanto o rádio como o cinema, como meios quentes.

Há um princípio básico pelo qual se pode distinguir um meio quente, como o rádio, de um meio frio, como o telefone, ou um meio quente como o cinema, de um meio frio, como a televisão. Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em ‘alta definição’. Já uma caricatura ou um desenho animado são de “baixa definição” pois fornecem pouca informação visual. O telefone é um meio frio, ou de baixa definição, por que ao ouvido é fornecida uma magra quantidade de informação. A fala é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchida pelo ouvinte. De outro lado, os meios quente não deixam muita coisa a ser preenchida ou completada pela audiência. Segue-se naturalmente que um meio quente, como o rádio,

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Radiojornalismo.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 5º semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen, email: mateus\_dooh@live.com.

<sup>3</sup> Estudante do 5º Semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen, email: duda\_wp@hotmail.com.

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, email: lara.nasi@unijui.edu.br.

e um meio frio, como o telefone, têm efeitos bem diferentes sobre seus usuários. (MCLUHAN, 1964, p.38)

Na proposição de uma experiência sensorial de “alta definição”, nos lançamos ao desafio de falar sobre cinema no rádio em atividade laboratorial da disciplina Laboratório de Radiojornalismo I, ministrada pela professora Lara Nasi, no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen. O produto, conforme proposta da disciplina, foi uma reportagem radiofônica.

Escolhemos que o foco da nossa reportagem seria a decadência dos cinemas de rua na região Noroeste do Rio Grande do Sul. Como amantes da sétima arte, queríamos compreender o motivo dos fechamentos das salas que, antigamente, somavam um grande número na região. E para isso, iniciamos o trabalho de apuração, gravações, elaboração de roteiro e edição, descritos a seguir.

## **2 OBJETIVO**

O principal objetivo da nossa reportagem foi o de compreender o processo da derrocada das salas de cinema numa região composta por cidades pequenas, caracterizadas como cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul, e apresentar o resultado dessa pesquisa em uma reportagem radiofônica de cerca de 7 minutos.

Já os objetivos específicos foram levantar dados concretos sobre a quantidade de salas em funcionamento na região atualmente, ouvindo fontes envolvidas com o tema e buscando fontes documentais.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Já houve um tempo em que as cidades do interior tinham a possibilidade de contar com projeções de filmes em grandes auditórios, com público significativo. Essa, definitivamente, não é mais a realidade dos cinemas, nem do interior, tampouco das capitais. O fim dos cinemas no interior, e a decadência da era das grandes salas é um retrato da decadência da sétima arte, que perdeu espaço no mercado do mundo a partir da década de 1970, quando surgiram outras formas de entretenimento e suportes para a exibição de filmes. Entre essas novas formas, podemos exemplificar o surgimento do VHS, posteriormente do DVD e o maior número de canais de TV aberta e fechada, seguido, mais recentemente, pela internet.

Hoje os cinemas são encontrados, na maioria das vezes, em *shoppings centers*. São grandes empreendimentos que investem em tecnologia, segurança e conforto. Nas ruas das cidades, lojas e estabelecimentos de todos os tipos tomam o lugar de onde uma vez eram os principais pontos de encontros e lazer das pessoas, os cinemas de rua.

Segundo relatório anual da Agência Nacional do Cinema (ANCINE), durante a década de 1990, no Brasil

houve o surgimento de um novo conceito de organização das salas exibição, os *multiplex*, caracterizados pela reunião de várias salas sob uma mesma unidade arquitetônica, invariavelmente associada a grandes empreendimentos comerciais (*shopping centers*), e com grande oferta de *blockbusters*. Esse novo modelo de exibição, já presente em muitos países europeus e nos Estados Unidos, passou a reunir seis, oito, 18 ou até 32 salas de cinema num mesmo complexo, gerando economia expressiva nos custos de operação e manutenção das salas. (ANCINE, 2011, p. 37).

Essa transição gerou uma disputa no mercado de exibição pelos grandes empreendedores e pequenos exibidores, que acabaram não resistindo a essa nova geração de comercialização e consumo, que acabou por deixar a parte cultural do cinema de lado. Hoje, a manutenção dos cinemas de rua se dá, em sua grande maioria, pela sucessão familiar, em uma localização restrita a áreas menos atrativas comercialmente.

Podemos observar a queda de público para as salas de cinema. Em 1975, o país contava com 3.276 salas, quase mil a mais do número levantado no mapeamento de 2010, da ANCINE<sup>5</sup>. O público, que comprava mais de 200 milhões de ingressos anuais na década de 1970, nos últimos anos está em torno de 90 milhões. Apenas 7% das cidades do país são contempladas com algum espaço para exibição de filmes

Hoje, também de acordo com dados da ANCINE, apenas 17% das salas de cinema do país não funcionam em *shoppings*<sup>6</sup>. Levando em conta que os *shoppings* são grandes centros de convívio e de consumo, o cinema também acabou por se transformar em algo meramente comercial. Percebe-se que o lado cultural do cinema ficou de lado, já que os empresários só têm interesse em investir em grandes centros, onde o retorno financeiro é garantido.

Segundo estudo de 2013 da Ancine, em todo o Brasil, apenas 12% dos municípios com menos de 100 mil habitantes possuem sala de cinema. Na mesorregião Noroeste do

---

5 Dados disponibilizados pela ANCINE na tabela intitulada *Evolução de Salas no país - 1971- 2010*, disponível no endereço: <<http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/2010/SalasExibicao/219.pdf>>

6 Dados disponibilizados pela ANCINE na tabela intitulada *Salas de Exibição em Shopping-Center por Unidade Federal - 2010*, disponível no endereço: <<http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/2010/SalasExibicao/203.pdf>>

Rio Grande do Sul, apenas duas cidades têm mais de 100 mil habitantes, que são Passo Fundo e Erechim, o que nos dá uma noção da quantidade ínfima de salas encontradas na nossa região. Segundo o censo demográfico do IBGE de 2010, a região noroeste do Rio Grande do Sul é a menor em grau de urbanização das regiões do estado. Sua estrutura econômica é basicamente agrária e é a região com predominância em municípios com áreas menores. Apenas sete cidades de 216 possuem cinema em funcionamento até hoje. São elas: Erechim (Movie Arte Cinemas), Passo Fundo (Arcoplex no shopping Bella Città e Bourbon), Santa Rosa (Cine Cultural), Santo Ângelo (Cine Cisne), Três Passos (Cine Globo), Palmeira das Missões (Cine Globo), São Luiz Gonzaga (Cine Lux). Dessas 7, duas são localizadas em shoppings centers, a Movie Arte Cinemas de Erechim e o Arcoplex em Passo Fundo, restando apenas 5 cinemas de rua nessa região.

A maioria desses cinemas são passados de geração para geração, sendo mantidos apenas pela tradição familiar. Como é o caso do Cine Lux, de São Luiz Gonzaga, que foi fundado em 1942 e é o mais antigo em funcionamento da região, completando 73 anos em 2015. Pertencendo a família Panzenhagen, o cinema passou de pai para filho, que reformou o local do cinema e manteve o negócio da família. O Cine Lux conta hoje com 130 lugares e, em 2014, ainda contava com as exibições utilizando película. A troca para o sistema digital está prevista para esse ano.

Segundo estudo de Bergmann e Ledermann (2012), os empresários do Noroeste Rio-grandense consideram que a demanda pelos serviços das salas de cinema aumentou nas cidades grandes e diminuiu nas cidades do interior. “Isso porque, a maioria dos cinemas do interior não conseguiram se atualizar e acompanhar o desenvolvimento tecnológico” (BERGMANN, LEDERMANN, 2012, p. 6).

Mas nem só de decadência se caracteriza o cenário das salas de cinema no noroeste do Rio Grande do Sul. Palmeira das Missões é um exemplo positivo, que por meio de incentivo da administração e Secretaria de Cultura do município, tornou realidade a abertura de um cinema de rua em 2014. A Cine Globo, empresa de Três Passos, foi a responsável por abrir uma filial no município e trazer a magia da sétima arte para a população, cerca de 25 anos depois que a última sala fechou.

A escolha por fazer uma reportagem sobre o tema se dá por compreendermos o gênero como aquele no qual “o jornalismo se diferencia, levanta a notícia, investiga fatos, encontra novidades, gera polêmica e esclarece o ouvinte” (JUNG, 2011, p. 14). Heródoto Barbeiro e Paulo Lima (2003) destacam a reportagem como a principal fonte de matérias

exclusivas no jornalismo de rádio. Os autores, no material que se constitui como manual de radiojornalismo, recomendam aos jornalistas preparação para construir uma reportagem completa, esforço para ouvir todos os envolvidos no assunto, bem como preparação para perguntas. A seguir, descrevemos nossa preparação para a construção da reportagem sobre o assunto, com vistas a lançar o tema à discussão.

## **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Relacionamos o processo de criação e pesquisa dessa reportagem às etapas da cerimônia para assistir uma obra de cinema. Produzir uma reportagem jornalística para o rádio, também é um processo cerimonial, para que isto aconteça é preciso seguir alguns passos e a ser auxiliado por certos instrumentos tecnológicos.

### **4.1 Comprando o bilhete**

O primeiro passo para assistir a um filme no cinema é comprar o bilhete. Na reportagem, comprar a ideia do tema e buscar dados e justificativas para ela – porque escolher este filme?, é uma pergunta a se fazer. Ao chegar à sala de cinema é preciso analisar a área e escolher a melhor localização para sua poltrona. Assim, precisamos conhecer a realidade da região e fazer o mapeamento de todos os cinemas que já existiram na mesorregião noroeste, os que estão ativos atualmente e entender o processo histórico de implantação dos cinemas nessas cidades do interior, ponto de estudo essencial para a construção dessa reportagem radiofônica.

Conseguimos reunir o histórico dos cinemas na região por meio de fontes como historiadores das cidades e fontes documentais, como blogs em que constavam levantamento das salas de cinema interioranas na internet. Utilizamos também dados de pesquisas da ANCINE que falam de números e da distribuição das salas de cinema ao longo dos anos, número de público e localização das salas (se estão em shoppings ou são cinemas de rua).

Chegamos ao número de 16 cidades que já tiveram cinema, entre as 216 que compõem a região. A maioria dos cinemas passaram por fechamentos e mudanças de proprietário ao longo dos anos. Esse é o caso da cidade de Cruz Alta, que foi a primeira a inaugurar um cinema na região, sendo a precursora do que se tornou uma tendência nos anos seguintes. O Biographo Ideal foi inaugurado em 1911, em Cruz Alta, por Abel

Espellet e Ernesto Lacombe. Os filmes eram projetados sobre um lençol e os próprios membros da família tocavam instrumentos para compor a trilha. O Biographo se mostrou um sucesso e em 1952 foi reformado e ampliado com capacidade para 910 pessoas. Com o crescimento da indústria cinematográfica crescia e nos anos 40 foi fundado o Cine Rex. Nos anos 60 foi fundado o terceiro cinema da cidade, o Cine Rio, com capacidade 1200 lugares. Os três cinemas eram da Empresa Espellet. Com a chegada da televisão aos lares na década de 70, começou a derrocada do cinema e o fechamento progressivo das salas. Situação semelhante ocorreram nos demais municípios da região (DARONCO, 2013)

#### **4.2 Escolhendo a poltrona**

A escolha da poltrona é um aspecto fundamental para ter uma boa visão do filme. Assim, após a pesquisa, em nossa reportagem, começa a busca pelas fontes, privilegiando aquelas que ampliam nosso olhar sobre o tema. A partir delas há “a cristalização de uma nova modalidade de percepção e conhecimento social da realidade através da sua reprodução pelo ângulo da singularidade” (GENRO FILHO, 1989, p. 207), que vira pluralidade quando usa dos vários tipos de fontes para construir a narrativa.

As entrevistas para a reportagem foram colhidas de maneiras variadas. Algumas foram realizadas pessoalmente e gravadas com gravador ou celular. Outras foram realizadas por meio de ligação telefônica, em que utilizamos recursos para gravar a conversa.

Ernestina Barros Girardello, é uma das personagens mais influentes na cena cultural da cidade, sempre lembrada quando se trata da história do município. É ela que abre a reportagem, relatando sobre os tempos em que Frederico Westphalen contava com cinema, dando um ar de nostalgia a reportagem. Ernestina, juntamente com seu marido, já falecido, sempre incentivaram o desenvolvimento cultural da cidade e trouxeram foram os primeiros livreiros da região. Foi pelo o motivo de Ernestina ter acompanhado grande parte da história do município e ter conhecido os cinemas que lá existiram, que a escolhemos como fonte para nossa reportagem.

A segunda sonora que é inserida em nossa reportagem é do entrevistado Cássio dos Santos Tomaim, na época professor do curso de Jornalismo da Universidade. Cássio é Jornalista e Doutor em História, sendo uma fonte teórica importante para o trabalho, pois possui várias pesquisas na área de Cinema e História e Filme Documentário.

Uma fonte indispensável para a nossa reportagem, é o dono de um cinema de rua aqui da região. Após a tentativa de contato com outros proprietários, conseguimos falar por

telefone com Flavio Panzenhagen (membro da família Panzenhagen dona do cinema de São Luiz Gonzaga), que é o atual proprietário do Cine Cisne de Santo Ângelo. O Cine Cisne tem uma história de 58 anos enfrentando dificuldades de se ter um cinema no interior, como relata Flávio na sonora utilizada na reportagem. Sobre o público, Flávio falou que a quantidade varia muito dependendo do filme em cartaz, que em uma semana existem sessões com sala lotada e outras com três espectadores. Ele também falou que não recebe nenhum tipo de incentivo da Prefeitura, considerando esse o principal motivo por muitos cinemas em cidades do interior terem fechado as portas.

A quarta e última entrevistada da reportagem foi Adriana Bagatini, chefe de gabinete da Secretaria de Cultura da prefeitura de Palmeira das Missões, que inaugurou em 2014 um cinema de rua. Adriana se mostra uma excelente fonte, expondo os motivos para inaugurar um cinema numa cidade pequena, que contou com o incentivo e parceria da Prefeitura. Ela contou também sobre como se deu o processo de implantação desse cinema, o Cine Globo, e falou sobre a importância de incentivar a sétima arte.

#### **4.3 Assistindo ao filme**

Com o roteiro encaminhado, o filme começa a rodar e os atores começam a aparecer. Protagonistas e antagonistas sobrepõem-se aos coadjuvantes, suas histórias passam a ser conhecidas. Assistir ao filme corresponde, ao final, na nossa reportagem, à apresentação do roteiro completo para locução e edição da reportagem. Faz-se conhecer o momento e a ordem de cada diálogo, suas pausas e continuações. As gravações foram feitas no Laboratório de Rádio da UFSM campus Frederico Westphalen, e para a finalização da reportagem foi utilizado o software de edição Reaper.

### **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

A reportagem “Cinemas de rua nas ondas do rádio” é uma produção radiofônica com duração de seis minutos e meio, sem divisão de blocos, que retrata, em síntese, o processo de decadência dos cinemas de rua. Para apresentar esse processo, utilizamos o método de narrar do geral para o particular. Para Araújo (2000), um conjunto de raciocínios em conexão descendente, do geral para o particular, contribui para se chegar a uma conclusão. Começamos a locução falando sobre o panorama geral do cinema em todo o

Brasil e, aos poucos, vamos desconstruindo os dados até chegarmos a realidade da nossa região.

Buscamos utilizar os recursos técnicos de maneira criativa, para atrair a atenção do ouvinte. Por isso, optamos por começar a reportagem com a contagem regressiva de cinco segundos utilizadas nos filmes antigamente, juntamente com o som característico dos antigos projetores. Isso sugere ao ouvinte uma pista sobre o assunto que vai ser abordado a seguir e os transporta para o cenário imaginário de uma sala de cinema. A inserção de efeitos sonoros no rádio “fornece informações, pistas, atua como índice do objeto representado a fim de que o ouvinte reconheça e estabeleça associações, que, pelo caráter referencial assumido pelo ruído, dá-se por contiguidade” (SILVA, 1999, p. 75-76). Os efeitos sonoros contribuem significativamente para a linguagem e dinamicidade da peça radiofônica.

Utilizamos também o recurso da trilha sonora para a composição da reportagem. Ela foi inserida como fundo da sonora que abre a reportagem e na transição das demais sonoras para a locução. As trilhas utilizadas são de direitos autorais liberados e estão disponíveis na biblioteca de áudio do site Youtube<sup>7</sup>.

## 6 CONSIDERAÇÕES

O trabalho de pesquisa documental, busca por fontes ligadas à história no cinema, e inclusive novos empreendedores na área, a realização de entrevistas, a elaboração do roteiro, a edição, enfim, todas as etapas que constituem nosso produto, uma reportagem radiofônica nos possibilitam aquele que é um dos objetivos principais de uma reportagem de acordo com Milton Jung (2011): lançar um tema à discussão. O aprofundamento no tema nos permite compreender um cenário da região atravessado por uma história que já teve auge e, se hoje encontra-se decadente, com grandes auditórios de cinema tendo sido transformados em igrejas. Ao mesmo tempo que o relato da ex-bilheteira do cinema em Frederico Westphalen, dona Ernestina, que abre a reportagem, relembra os tempos áureos do cinema e nos deixa nostálgicos, a reportagem também descobre, em seu percurso, novos investimentos para retomar a exibição audiovisual em uma região tão carente de iniciativas de fruição artística e cultural, como a região Noroeste do Rio Grande do Sul. Assim, é destacada a criação de uma sala em Palmeira das Missões.

---

<sup>7</sup> Trilhas disponibilizados na Biblioteca de Áudio do Youtube, disponível no endereço:  
<<https://www.youtube.com/audiolibrary/music>>



A produção da reportagem permite que esse conhecimento possa ser compartilhado, ao informar, mas também, e principalmente, ao provocar os ouvintes ao debate sobre o tema, já que há ainda muito espaço para a presença de salas de cinema na região em questão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCINE. **Salas de exibição: Mapeamento**. Rio de Janeiro: OCA, 2011. Disponível em: [http://www.ancine.gov.br/media/SAM/Estudos/Mapeamento\\_Salas\\_Exibicao\\_errata.pdf](http://www.ancine.gov.br/media/SAM/Estudos/Mapeamento_Salas_Exibicao_errata.pdf). Acesso em: 16 abr. 2015.

ARAUJO, S. C. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Católica de Brasília, 2000. Disponível em: <[http://www.iesambi.org.br/apostila\\_2007/metodos\\_pesquisa.htm](http://www.iesambi.org.br/apostila_2007/metodos_pesquisa.htm)>. Acesso em: 16 abr. 2015.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BERGER, M. L.; LEDERMAN, M. **As salas de cinema na mesorregião noroeste Rio-Grandense: um estudo para potencializá-las**. Disponível em: <[http://redcidir.org/multimedia/pdf/trabajos\\_seleccionados/Seleccionados-V-Simposio/Econom%C3%ADa-Local-y-Desarrollo-Sustentable/14-AS-SALAS-DE-CINEMA-NA-MESORREGI%C3%83O-NOROESTE-RIO-GRANDENSE.pdf](http://redcidir.org/multimedia/pdf/trabajos_seleccionados/Seleccionados-V-Simposio/Econom%C3%ADa-Local-y-Desarrollo-Sustentable/14-AS-SALAS-DE-CINEMA-NA-MESORREGI%C3%83O-NOROESTE-RIO-GRANDENSE.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2015.

DARONCO, Marilice. 'O Tempo e o Vento' baseado na obra de Érico Veríssimo, estreia na terra natal do escritor. **Diário de Santa Maria**. Santa Maria: 16 outubro 2013. Disponível em: <<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2013/10/o-tempo-e-o-vento-baseado-na-obra-de-erico-verissimo-estrela-na-terra-natal-do-escritor-4302109.html>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. 2. ed. Porto Alegre: Ortiz, 1989.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2011

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo. Cultrix, 1964.

SILVA, Julia Lucia de Oliveira Albano. **Rádio: oralidade mediatizada – o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.